

A POTÊNCIA CRIATIVA DA ESCUTA QUE GERA O DIÁLOGO

Crusana (Colômbia): *"Caríssima Chiara, percebemos que tu és especialista em inculturação também naquele aspecto particular do "fazer-se um" que é silêncio, escutar profundamente o outro. Qual é a tua experiência neste sentido?"*

Chiara Lubich: A minha experiência é esta: (...), disse-me o neto de Gandhi, que eu conheci na Suíça: "(...) o caminho é 'ouvir'." Talvez ele o dissesse por este motivo: é que existe uma tal riqueza lá, um tal contraste, que nós temos de conhecer antes de pronunciar qualquer palavra. E eu assumi isto. (...) E de facto, fui a Coimbatore, (...) e o meu discurso começava assim: "Eu vim à Índia para ouvir, é por isto que estou aqui. Mas, se me pedem para falar, eu vou falar, mas no tempo certo... Tenho 18 dias ainda para ouvir". Assim. E mantive-me sempre nesta atitude. E vi, vi que, para todos os diálogos, este método é formidável, porque antes de tudo, inculturamo-nos, isto é, entramos na cultura do outro, compreendemo-lo; entramos na cultura do outro: ele fala assim e assim. Como Jesus, quando falava por parábolas, fala de vinhas e de cachos, fala das flores, dos lírios do campo, porque fazia parte da cultura daquele lugar, e assim era mais compreendido. Por isso, ao ouvir, ouvir, eu sentia... sem querer, inculturava-me, entrava na linguagem e compreendia; compreendia também porque tinha-me preparado com alguns escritos, para que ficasse um bocadinho informada e percebia melhor aqueles escritos e os seus provérbios.

Há um provérbio que, na minha opinião, é realmente especial, é um provérbio que fala do amor ao inimigo, que é tipicamente cristão, mas que eles assumiram como deles, não sei se o pegaram de nós ou se foi o Espírito Santo, não sei, eu sei é que o usam. E ele diz: há uma espécie de madeira, que é o sândalo perfumado; então o provérbio diz: o machado corta o sândalo e ele vinga-se, deixando-o perfumado. É a vingança de amor, seria o amor ao inimigo. Por isso, ouvindo, percebe-se; e, então, depois quando falamos, usamos aquela linguagem, aqueles provérbios, aqueles assuntos que aprendemos para dizer as nossas coisas. Foi assim que, ao ouvir tem-se uma grande vantagem - eu ouvi durante muitas horas -, e a vantagem é esta: que depois de termos ouvido, eles sentem o dever de nos ouvir também, quanto mais não seja por cortesia. E depois disseram: "E tu? E tu?" "Bem, eu vim aqui à Índia para ouvir." "Mas qual é a tua espiritualidade, qual é a tua vida espiritual, de que guru é que tu és?" Então, explicamos o nosso guru, percebem? Isto para dizer...

Mas isto vale para todos os diálogos: para o inter-religioso, para o ecuménico, porque nós não conhecemos as outras Igrejas, nem sequer entre os católicos, nós não conhecemos as outras instituições, os Movimentos, as outras realidades. Só conhecemos o mundo em que vivemos. Então, temos que fazer assim. Está bem?